

O FEMINISMO BRASILEIRO DOS ANOS OITENTA POR MEIO DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS DA PERSONAGEM MARGARIDA DE WALT DISNEY

Brazilian feminism of the eighties through the discourse formations of the character Margarida by Walt Disney

JANAÍNA QUINTANA DE OLIVEIRA¹

Resumo: Este artigo é uma investigação qualitativa que teve por objetivo analisar pontos referentes ao feminismo brasileiro dos anos oitenta por meio das formações discursivas (FDs) da personagem de histórias em quadrinhos (HQ) Margarida de Walt Disney, publicadas entre os anos de 1986 a 1993. Margarida é uma patinha antropomórfica, ou seja, tem aparência, atitudes e pensamentos humanos. A metodologia utilizada neste trabalho é a análise do discurso pecheutiana, que é uma disciplina de entremeio centrada na tríade: linguística, materialismo histórico e psicanálise. Temas como empoderamento, sororidade, mulheres no mercado de trabalho e progressismo foram abordados neste estudo. Também foram apresentadas algumas características básicas da composição do gênero HQ e uma breve contextualização histórica. Cabe ressaltar que as histórias em quadrinhos, sendo um meio de comunicação massivo, além de um entretenimento, é um importante dispositivo de formação de opinião, uma vez que seu consumo é alto, expansivo e de fácil acesso.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; feminismo; formações discursivas.

Abstract: This article is a qualitative investigation that aimed to analyze points related to Brazilian feminism in the eighties through the discursive formations (FDs) of the character of Margarida by Walt Disney's comic books, published from 1986 to 1993. Margarida is an anthropomorphic duck that is, it has human appearance, attitudes and thoughts. The methodology used in this work is the Pecheutian discourse analysis, which is an in-between discipline centered on the linguistic tripod, historical materialism and psychoanalysis. Themes such as empowerment, sorority, women in the labor market and progressivism were addressed in this study. Some characteristics of the comic books genre and a brief historical context were also presented. It is noteworthy that comic books, being a massive means of communication, beside a pleasure and fun, are an important opinion-forming device, since their consumption is high and easily accessible.

Keywords: Comic books; feminism; discursive formations.

¹ Especialista em Linguagens Verbais, Visuais e suas Tecnologias pelo IFSUL, campus Pelotas. Mestre pelo Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia – MPET - IFSUL, campus Pelotas. Doutoranda no Doutorado Profissional em Educação e Tecnologia – DPET – IFSUL, campus Pelotas. Professora de Línguas Espanhola e Portuguesa no município de Pelotas – RS. Áreas de interesse: Educação, Análise do Discurso e *Mass Media*. E-mail: profejanastar@gmail.com.

Introdução

História em quadrinhos, também conhecida como HQs, é um gênero textual de entretenimento massivo bastante apreciado por pessoas de todas as idades, mas sobretudo foi, nos anos oitenta e noventa, um dispositivo de manifestação de ideias e formação de opinião, já que este gênero foi bastante consumido e trazia assuntos relevantes que se relacionavam com os acontecimentos sociais da época.

Alguns temas importantes para a construção da cidadania na sociedade contemporânea foram abordados nos quadrinhos, como por exemplo o respeito e o empoderamento da mulher que é feminista, ao mesmo tempo em que é vaidosa e multi-habilidosa, por meio das Formações Discursivas — FDs que compõem a identidade (ou as identidades) da personagem Margarida de Walt Disney. “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e o que deve ser dito” (ORLANDI, 2020, p. 41). Ou seja, a FD é o conjunto discursivo correspondente a uma Formação Ideológica — FI com a qual se relaciona. De acordo com (PÊCHEUX [1988] 2014), o sujeito discursivo pode identificar-se, desidentificar-se e/ou contraidentificar-se com determinadas FDs. As palavras mudam de sentido dependendo dos atravessamentos sócio-históricos e ideológicos do sujeito que as pronuncia.

A principal fonte desta análise foram as HQs da Margarida² publicadas no Brasil no período que engloba o final dos anos oitenta e o começo dos noventa. As histórias analisadas foram as que a personagem é a figura protagonista, pois ainda que a revistinha leve o seu nome, há grande quantidade de historinhas em que outros personagens são os principais.

Abaixo segue um importante fragmento de Baeta, em que a autora situa a personagem na era da pós-modernidade e na esteira dos movimentos feministas que surgiram nas décadas de sessenta e setenta.

A personalidade atribuída à personagem, nas histórias em quadrinhos elaboradas no Brasil, sustenta-se em valores que coincidem com os apresentados por Toffler e outros autores que se dedicaram ao estudo da pós-modernidade. Na década de 80, a Margarida - isso mesmo... a namorada do Pato Donald; ou melhor, simplesmente Margarida, aliás, ela tornou-se independente - além de um gibi próprio, ganhou uma nova personalidade. Deixou de ser a coadjuvante namorada de Donald e transformou-se no retrato da mulher da terceira onda. O velho traje rosa e preto foi substituído por um diversificado guarda-roupa, ela passou a trabalhar fora e a lutar por seus direitos e ideais. A redefinição do papel da mulher na sociedade contemporânea é abordada no discurso da personagem, que reflete o novo estereótipo do gênero feminino disseminado no período conhecido como nova ambiência. (BAETA, 2004, p. 32).

² As histórias em quadrinhos analisadas não se restringem somente às escritas no Brasil (embora estas sejam a maioria), pois há algumas estrangeiras publicadas no mesmo período que vão ao encontro da linha emancipatória da personagem.

Os movimentos feministas que eclodiram na Europa e nos Estados Unidos nos anos sessenta e setenta alcançaram grandes mudanças no que se refere ao espaço ocupado pelas mulheres na sociedade. Temas como igualdade de gêneros, liberdade do corpo, combate ao autoritarismo, construção de uma identidade diferenciada da institucionalizada imagem da mulher à sombra do marido, entre outros foram debatidos de forma que as mulheres passaram a se desprender da dominação masculina. No Brasil, os passos do movimento feminista foram mais lentos devido ao fato de o país estar sob uma ditadura militar e qualquer movimento empoderador ser visto como uma afronta ao regime repressor que governava o país.

Nos anos oitenta, após a abertura política no Brasil, o movimento feminista consolidou seu papel dando importantes passos no que tange à emancipação feminina em âmbito nacional. As mulheres passaram a figurar mais no contexto político, ocupando cada vez mais espaço no mercado de trabalho e em demais espaços antes ocupados por figuras masculinas. Foi nesse contexto sócio-histórico e ideológico que se constituiu a condição de produção na qual a nova personagem Margarida está inserida.

Nos anos 1980 o movimento de mulheres no Brasil era uma força política e social consolidada. Explicitou-se um discurso feminista em que estavam em jogo as relações de gênero. As ideias feministas difundiram-se no cenário social do país, produto não só da atuação de suas porta-vozes diretas, mas também do clima receptivo das demandas de uma sociedade que se modernizava como a brasileira. Os grupos feministas alastraram-se pelo país. Houve significativa penetração do movimento feminista em associações profissionais, partidos, sindicatos, legitimando a mulher como sujeito social particular. (SARTI, 2004, p. 42).

Passou-se a falar abertamente na televisão e nas revistas femininas sobre temas que até pouco tempo atrás eram tabus, como sexo e emancipação da mulher, por exemplo. O avanço dos assuntos relacionados à mulher foi tão intenso naquela década que, nas palavras da professora da UNIFESP, Cynthia Sarti (2004, p. 42), o “saldo foi positivo”. Ainda segundo Sarti, “deu-se uma significativa alteração da condição da mulher na Constituição Federal de 1988, que extinguiu a tutela masculina na sociedade conjugal”.

Todas essas temáticas culminaram em importantes conquistas para as mulheres do século vindouro — XXI. Leis brasileiras como a Maria da Penha³, a Lei do Femicídio⁴, a Lei das Mães Lactantes⁵, entre outras têm como objetivo promover o bem estar e a segurança da mulher. Esse

³ Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006.

⁴ Lei 13.104 de 9 de março de 2015.

⁵ Lei 13.872 de 17 de setembro de 2019.

avanço é consequência da luta de mulheres que batalharam por seus direitos e não se calaram perante os desafios.

As mudanças impactantes nos costumes ficaram registradas não só na mídia jornalística, como também na mídia de entretenimento como acontece em todas as épocas em que os registros históricos têm seu lugar nas artes e na cultura.

1 HQs – definição e história

Antes que haja o aprofundamento da questão norteadora deste estudo, é necessário que se faça um breve recorrido sobre a história das HQs e sua definição.

As histórias em quadrinhos são compostas por uma sequência narrativa formada por diálogos curtos e por cenas, ou seja, formada pelas linguagens verbal e visual, da mesma forma como acontece no cinema e nas animações. No entanto o caráter elíptico que está implícito nos quadrinhos faz com que o leitor lance mão de habilidades cognitivas de leitura e apreensão para a percepção dos movimentos, preenchimento de lacunas e reconstrução ordenada do fluxo narrativo. Em outras palavras, é o jogo de leitura entre o verbal e o visual (imagens, figuras cinéticas, metáforas visuais, enquadramentos, etc.) que dá movimento às cenas, tirando-as da estaticidade.

A melhor definição para história em quadrinhos está em sua própria denominação: é uma história contada em quadros (vinhetas), ou seja, por meio de imagens, com ou sem texto, embora na concepção geral o texto seja parte integrante do conjunto. Em outras palavras, é um sistema narrativo composto de dois meios de expressão distintos, o desenho e o texto. (IANNONE, 1994, p. 21).

Os diálogos informais que apresentam situações do cotidiano foram um dos motivos do sucesso das HQs, pois a linguagem fluida e de fácil entendimento abarca uma gama maior de leitores. Os tipos diferentes de balões indicando o modo de expressão do texto verbal também é um atrativo a mais, pois torna a leitura confortável e confortável. No exemplo abaixo, figura 01, consegue-se perceber pelo formato do balão que o tom de voz da Margarida está mais alto que a do Donald. Esse recurso também serve para sobrepor a fala dela à dele, colocando-a mais em evidência, já que ela é a personagem principal da história e o mote da narrativa apresentada é a questão da mulher que tem a carga de horário dobrada, já que trabalha fora durante o dia e, à noite, em vez de descansar, tem de ir aos afazeres domésticos, tendo a jornada de trabalho duplicada dessa forma.



Figura 01 — Margarida 61 – Novembro de 1988.
Fonte: Walt Disney

Outras qualidades deste gênero é o preço baixo, sendo possível a aquisição por grande parte da sociedade e a facilidade em serem encontradas, pois estão à venda em bancas de jornais, lojas de conveniências, supermercados, sebos e *sites* diversos. Cabe salientar também, como um dos atrativos das HQs, o caráter afetivo que é despertado pelas personagens, que fazem parte da história e da cultura de quem consome as revistinhas e os produtos de suas franquias.

Sobre a linguagem visual é importante ressaltar que é uma forma de comunicação do indivíduo desde tempos remotos, uma vez que os desenhos eram a maneira e a ferramenta que os humanos tinham para registrarem sua história antes do surgimento da escrita. A arte rupestre é a mais antiga forma de comunicação visual registrada, sendo composta por imagens gravadas nas paredes das cavernas, que registravam feitos realizados pelos povos da época.

A forma visual seguiu sendo a única forma de registro comunicacional até o surgimento da escrita na Mesopotâmia (atual Iraque) em 3500 a.C. Este sistema de escrita era chamado escrita cuneiforme. Depois vieram os hieróglifos egípcios, os ideogramas chineses, até que surgiu o alfabeto na Fenícia (atuais Líbano e Síria), dando origem ao alfabeto que utilizamos hoje.

Dando um salto temporal, chega-se à modernidade e o surgimento das primeiras HQs. Os primeiros registros que se têm delas são do final do século XIX nos Estados Unidos da América.

Na primeira metade do século XX houve a época de ouro do gênero HQs. Tirinhas eram publicadas em jornais e começaram a surgir as primeiras revistas em quadrinhos, também conhecidas como gibis.

Logo, as HQs também sofreram seu revés a partir do preconceito lançado em grande parte pelo psiquiatra alemão Fredric Wertham que associou doenças mentais ao hábito da leitura de quadrinhos. Sua campanha contras as HQs foi tão intensa que o psiquiatra lançou o livro *Seduction of the Innocent* em

1954, a fim de provar a relação dos quadrinhos com patologias comportamentais. Abaixo a descrição de Rama a respeito do livro.

A sedução dos inocentes, publicado em 1954, que foi um grande sucesso de público e marcou, durante as décadas seguintes, a visão dominante sobre os quadrinhos nos Estados Unidos e, por extensão, em grande parte do mundo. Entre outras teses, o livro defendia, por exemplo, que a leitura das histórias do Batman poderia levar os leitores ao homossexualismo (sic), na medida em que esse herói e seu companheiro Robin representavam o sonho de dois homens vivendo juntos. Ou que o contato prolongado com as histórias do Superman poderia levar uma criança a se atirar pela janela do seu apartamento, buscando imitar o herói (RAMA *et al.*, 2004, p. 12).

Nos anos sessenta os quadrinhos voltaram a obter espaço e reconhecimento. Em 1966 foi criada a Escola de Comunicações Culturais — ECC, que depois passou a se chamar Escola de Comunicações e Artes — ECA na USP. Nesse momento houve a legitimação da cultura de massa no Brasil. Outro fato relevante para o reconhecimento das HQs foi o curso ministrado pelo filósofo e linguista italiano Umberto Eco, que foi fundamental para a validação do gênero. Sobre a visita de Umberto Eco ao Brasil: “Ela fez parte de uma estratégia para legitimar as histórias em quadrinhos, ameaçadas de sobrevivência pelas forças conservadoras que rejeitam a modernização da sociedade e da cultura nacional” (MELO, 2013, p. 20).

Embora já houvesse no começo do século XX a Revista brasileira Tico-Tico, que trazia HQs para o público infantil, e já estivessem presentes aqui os gibis de Walt Disney desde 1946, foi a partir da legitimação dos quadrinhos nos anos sessenta que elas se tornaram uma febre em território nacional. Quadrinhos nacionais e estrangeiros conquistaram seu espaço, mas não se pode deixar de mencionar o grande sucesso quadrinhesco nacional que é a Turma da Mônica, com seu lugar cativo não só nas bancas de jornais, como também na memória e na história dos brasileiros.

Nos anos oitenta e noventa as HQs eram um dos principais meios de entretenimento infantojuvenil e também por que não dizer de todas as idades.

Com a sua consolidação como arte e entretenimento, as HQs também passaram a ser vistas como aporte educacional eficaz, figurando em livros didáticos, provas de vestibulares. Foram reconhecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN e hoje estão presentes no Exame Nacional do Ensino Médio — ENEM, na Base Nacional Comum Curricular — BNCC e também aparecem com frequência em distintos exames e provas de concursos públicos.

2 A personagem Margarida é muito mais que somente a namorada do Donald

A personagem Margarida é uma patinha com aparência e personalidade humanas, ou seja, é uma personagem antropomórfica criada pela Disney. Ela surgiu no desenho *Mr. Duck steps out* em 1940⁶ como namorada do Pato Donald. Nas histórias em quadrinhos estadunidenses, sua aparição se deu nos anos cinquenta, já nos gibis brasileiros seu aparecimento foi nos anos setenta. Bonita, sofisticada e vaidosa, no começo seu papel era de coadjuvante de Donald. As principais preocupações eram a sua aparência e os assuntos relacionados ao clube feminino do qual fazia parte. As FDs da personagem ancoravam-se no cotidiano doméstico e em situações banais, ou seja, suas FDs encontravam-se ideologicamente na esfera da mulher sem grande protagonismo e apartada de situações político-sociais. Na figura 02 segue um exemplo de situação contida em uma HQ publicada em dezembro de 1986, mas que faz parte de uma edição especial com a compilação de diversas histórias antigas. Embora não esteja explícito, a personagem é mostrada como um ser feminino fútil e por que não dizer burra.



Figura 02 — Disney Especial 97 – Dezembro de 1986.

Fonte: Walt Disney

A partir dos anos oitenta, no embalo da emancipação feminina pelo qual o Brasil passava, ela ganhou sua revistinha própria no país, conforme figura 03. A edição, cujo título é o nome da protagonista Margarida, tinha publicações quinzenais e já na primeira história apresentava a

⁶ Na história “O pato sai de casa”, disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x30ep45>.

protagonista questionando a sua própria identidade, que vai ao encontro do título principal, que se chama “Uma nova Margarida”. Nessa história, figura 04, a personagem ao procurar uma clínica de estética vai parar por engano em o consultório de psicanálise da Drª Ana Lista. Depois de uma série de mal-entendidos, elas esclarecem o que de fato está acontecendo e a médica surge com uma série de questionamentos a partir dos quais, Margarida percebe que está na hora de tornar-se uma nova mulher.

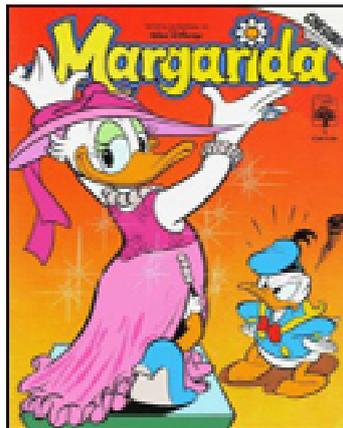


Figura 03 — Margarida 01 – Julho de 1986.
Fonte: Walt Disney



Figura 04 — Margarida 01 – Julho de 1986.
Fonte: Walt Disney

Nesse momento ocorrem mudanças nas características psicológicas da personagem e também no seu visual, usando roupas modernas de acordo com a época. No seu discurso, podem-se observar questões de cunho feminista (principalmente), progressista e de empoderamento como a inserção da mulher no mercado de trabalho, igualdade salarial, sororidade, direito das minorias, direito dos animais, mas sem deixar de lado a vaidade e a feminilidade e demonstrando ser multi-habilidosa (inclusive uma super-heroína),⁷ sempre atingindo o sucesso e o reconhecimento em todos os seus campos de atuação.

⁷ A Superpata.

Resumindo, o retrato da mulher que era almejado naquela década (e ainda o é na contemporaneidade): o seu crescimento.

Observando os quadrinhos apresentados no exemplo da figura 04, há uma Margarida com bobes na cabeça, roupão, ombros curvados e semblante tristonho que contrasta com a da capa da revistinha. Na capa, que representa o nascimento da nova Margarida, pode-se observar o engrandecimento dela no pedestal em relação ao Donald. Ela está feliz apresentando o seu nome, destoando com o Donald, que se apresenta pequeno e mal-humorado. Também é perceptível o fato dela estar ereta, bem maquiada, com acessórios refinados e com uma roupa elegante e rosa, que no imaginário coletivo é a cor relacionada ao universo feminino. Outro recurso visual é a cor do plano de fundo da imagem, que traz cores em *dégradé* entre o amarelo, o coral e o laranja, que são cores quentes, vibrantes e alegres.

3 A Margarida e as formações discursivas às quais os seus enunciados pertencem

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa sob a égide de Análise do Discurso — AD — pecheutiana. Esta teoria se fundamenta na articulação entre a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo Histórico, possibilitando a explicação das relações entre língua e ideologia.

O discurso é uma das formas pela qual a materialidade ideológica se apresenta. É através do discurso que se corporifica a ideologia do sujeito. A Formação Ideológica envolve diversas FDs que se relacionam e determinam o que pode e o que deve ser dito de acordo com as circunstâncias. As fronteiras que determinam as FDs são indeterminadas e fluidas, uma vez que seus deslocamentos e entrelaçamentos dependem do embate ideológico.

As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos então *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina pelo estado da luta de classes *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (PÊCHEUX, 2014 [1988], p. 147).

Não existe sujeito que não seja interpelado pela ideologia. Todos são interpelados, inclusive aqueles que se dizem contra ideologias estão interpelados, pois ela é inerente à condição de existência do sujeito e de seu discurso. As palavras não têm sentido fora do discurso, elas só têm sentido quando ancoradas à FD, amparada por determinada FI. Não é a linguística sozinha que determina o significado. A literalidade por si só não tem condições de significar o discurso.

Para que se haja uma melhor compreensão, primeiramente retornar-se-á à Margarida. Sua FI é a da mulher emancipada dos primórdios da contemporaneidade. Ela é feminista, empoderada, bonita e bem sucedida. As FDs que pertencem à sua FI são as seguintes:

3.1 A Margarida feminista

Desde 1986, no Brasil, a personagem Margarida começou a apresentar traços de cunho feminista em sua personalidade. Como já mencionado, a “nova” ideologia da personagem foi ao encontro do momento pelo qual o Brasil passava. Com a abertura política, uma parcela da sociedade que clamava por igualdade tinha esperanças de que o país se desenvolvesse e se tornasse um lugar mais justo e com melhores oportunidades para todos os seres humanos. À continuação seguem alguns fragmentos de HQs em que se pode observar a nova conduta e a posição crítica da personagem.



Figura 05 — Margarida 01 — Julho de 1986.
Fonte: Walt Disney

Na HQ “Homens, tremem!”, figura 05, Donald, interpelado pelo machismo incrustado, sugere que Margarida não pode ser da polícia por ser perigoso. Ela, no entanto, rebate com o argumento de que ele só diz isso por ela ser mulher. As palavras “perigoso” e “mulher”, ambas em negrito, representam o embate entre as duas FDs dos personagens. Porém a personagem demonstra com

destreza e aptidão que está preparada para o trabalho de policial e assim segue com êxito até o término da narrativa, provando que eficiência profissional não é uma questão de gênero, mas sim de talento e dedicação.



Figura 06 — Margarida 12 – Dezembro de 1986.
Fonte: Walt Disney

As questões relacionadas aos afazeres domésticos como algo pertencente somente ao gênero feminino estão presentes nesta HQ “No tempo das cavaleiras andantes”, figura 06, em que a personagem enuncia que está cansada de lavar roupa, espanar, cozinhar, etc. Já Donald novamente tenta deslegitimar o discurso dela com o *Ahhh! Só isso?* Novamente o recurso visual negrito é utilizado para marcar o confronto entre as duas FDs. Outro recurso utilizado é o balão em forma de grito, pois sugere que a mulher só será ouvida se aumentar o tom da voz.

A HQ “Que estafante”, figura 07, surge com um tema delicado. Nos quadrinhos destacados e em outros momentos no decorrer da trama há episódios de violência contra a mulher, quando o marido de uma leitora do jornal lê uma matéria que Margarida escreveu encorajando as mulheres a trabalharem fora. Através da força física ele ameaça e tenta intimidar a personagem que mesmo com medo não se rende e não volta atrás no que diz respeito a sua reportagem. Chama atenção o fato de Margarida vê-los, Tio Patinhas e o “lutador”, com rostos de porcos. Fazendo alusão ao termo “porco chauvinista”.



Figura 07 — Margarida 54 – Agosto de 1988.

Fonte: Walt Disney

Nas HQs abaixo — figuras 08, 09, 10, 11 e 12 — outros temas recorrentes ao feminismo, como o fato de os tempos serem outros, o protagonismo da mulher, a desconstrução dos papéis da mulher vista como responsável pelas tarefas domésticas e frágil e a questão de vencer no mercado de trabalho pelo talento e não pela beleza são abordados. Em quase todos os fragmentos a personagem é apresentada com fisionomia tensa, o que sugere que a mulher para ser respeitada e ouvida também precisa estar com o semblante sério, pois qualquer sinal de relaxamento muscular poderia ser percebido como um sinal de fraqueza.



Figura 08 — Margarida 05 – Setembro de 1986.
Fonte: Walt Disney



Figura 09 — Margarida 14 – Janeiro de 1986.
Fonte: Walt Disney



Figura 10 — Margarida 22 – Maio de 1987.
Fonte: Walt Disney

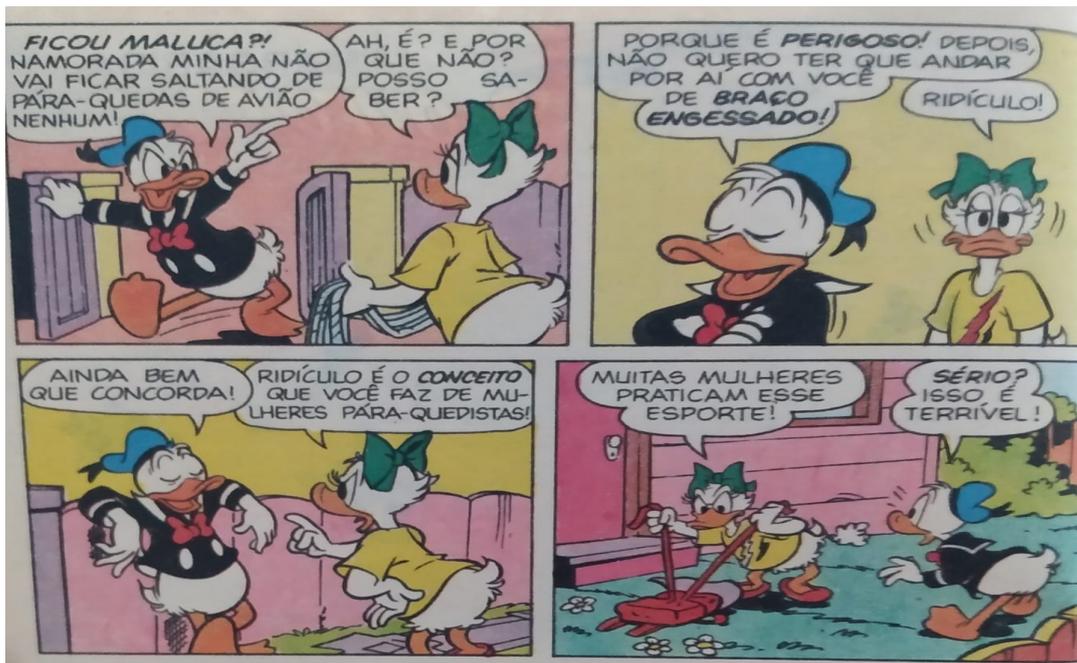


Figura 11 — Margarida 13 – Janeiro de 1987.
Fonte: Walt Disney



Figura 12 — Margarida 40 – Janeiro de 1988.
Fonte: Walt Disney

3.2 A Margarida empoderada

Junto às características físicas e psicológicas modernas e ao discurso feminista, surge a Margarida decidida e empoderada, com personalidade forte e opinião bem formada. Nos quadrinhos abaixo estão alguns exemplos do empoderamento e da firmeza materializados no discurso da personagem.



Figura 13 — Margarida 15 – Fevereiro de 1987.
Fonte: Walt Disney

A HQ acima “Machão, não”, figura 13, exemplifica esse aspecto, pois apresenta o discurso machista do homem que não aceita que sua namorada tire uma foto de biquíni. Em contrapartida há o discurso feminino e empoderador que não se submete à dominação masculina.

Nos anos oitenta, a nova mulher (ou pata) não pode mais ser aquela que dependia e esperava a opinião do seu par para tudo. A mulher dos anos oitenta e também a da atualidade é aquela que sabe o que quer e aonde quer chegar. Ela já não se preocupa com o que os outros vão pensar, se isso vai contra os seus desejos e anseios.



Figura 14 — Margarida 66 – Janeiro de 1989.
Fonte: Walt Disney

Na figura 14, Margarida confronta a posição e o discurso machista de Donald, mantendo-se firme em seus ideais, ainda que ele tente proibi-la de participar de uma corrida. Mais uma vez o empoderamento, por meio da atitude decidida expressada no que se refere ao verbal e ao visual ratifica o posicionamento discursivo e ideológico da personagem.

3.3 O mercado de trabalho e a igualdade salarial: uma pata habilidosa e bem-sucedida

Entre muitas características da personagem, uma bastante evidente é a da Margarida que sustenta a ideia de igualdade entre mulheres e homens no mercado de trabalho. A questão da igualdade salarial é uma luta constante do feminismo, pois desde os primórdios, passando pelos anos oitenta e ainda nos dias atuais, a desigualdade de gêneros ainda é um ponto de luta das mulheres. De acordo com Adichie (2015, p. 16) “Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar ‘normal’ que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens”. Ou seja, nos cargos de chefia ou em qualquer profissão, cujo senso comum determine que seja masculina, se uma mulher ocupar um destes postos será vista como anormal e sua capacidade será questionada.



Figura 15 — Margarida 150 – Abril de 1992.
Fonte: Walt Disney

A HQ “Os valentões do oeste”, figura 15, toca exatamente na questão crucial da diferença de salários para pessoas que ocupam a mesma função profissional. O interdiscurso presente na FD da personagem (como o fato de a mulher ser menos remunerada, de o Tio Patinhas aproveitar esse fato, por ser um notório sovina, e o desejo de que no futuro o trabalho desempenhado pela mulher tenha o mesmo valor que o desempenhado pelos homens) são materializados por meio do intradiscurso apresentado por ela, que evoca de forma mais explícita a questão da desigualdade salarial. Já o personagem Pena Kid, que contracena com ela, novamente, como os outros masculinos, confirma sua FD machista e superior, quando não acredita que as mulheres um dia terão as mesmas oportunidades salariais que os homens.

A colocação de que os homens devem receber mais que as mulheres pelos mesmos trabalhos desempenhados é uma ideia retrógrada e ultrapassada, já que tanto mulheres quanto homens têm a

mesma capacidade, no que se refere a gênero, para desempenhar qualquer trabalho ou função. A ideia obsoleta que justifica a desigualdade salarial, de acordo com Adichie é a seguinte:

Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de uma maneira geral, são fisicamente mais fortes. Hoje, vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar. (ADICHIE, 2015, p. 21).

Tanto no passado recente, quanto nos dias atuais o que deveria contar no que se refere à remuneração salarial é a competência, a capacidade e a inteligência do sujeito e não seu gênero e/ou orientação sexual. Como diz a autora, sobre a igualdade de gênero, ainda há muito a desejar.

3.4 Margarida e a sororidade

Sororidade é um termo que indica solidariedade e união entre as mulheres, sabendo lidar com as diferenças e respeitando-as mutuamente, a fim de que não haja rivalidade entre elas, mas sim apoio. Derivada do latim *Soror, oris* significa irmã. A palavra foi utilizada pela primeira vez nos anos setenta, mas passou a ser reconhecida mais amplamente na contemporaneidade. Nos anos oitenta, provavelmente ainda não era uma palavra conhecida pelas brasileiras, no entanto, na HQ “Feminismo em Uba Dhula”, figura 16 o seu significado foi materializado por meio do discurso das personagens femininas, que ao se apoiarem mudaram o contexto social do país fictício que oprimia as mulheres.



Figura 16 — Margarida 44 – Março de 1988.

Fonte: Walt Disney

Uma explicação bastante clara sobre como o feminismo e a sororidade desmontam o sexismo é dada por Hooks:

Como mulheres fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras. Pensamento feminista nos ajudou a desaprender o auto-ódio feminino. Ele nos permitiu que nos libertássemos do controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência (HOOKS, 2020, p. 34-35).

Ainda há muito a ser feito nesse cenário, visto que muitas mulheres ainda não se descolaram do patriarcalismo e ainda se veem, colocando-se em posições de confronto em relação a outras. É um trabalho de conscientização e de valorização contínuo que deve ser colocado em prática desde muito cedo. A escola, por exemplo, é um ótimo espaço para que sejam trabalhadas estas questões.

Na atualidade, é muito importante que temas como o feminismo e outros que se pautem no respeito e na igualdade estejam presentes em publicações direcionadas ao público infantojuvenil, como as HQs, a fim de desmistificar preconceitos e pensamentos rasos no que se refere ao convívio social. Ainda de acordo com Hooks:

A literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas. E, com muita frequência, os pensamentos retrógrados sobre gênero continuam sendo a norma dos parquinhos. A educação pública para crianças precisa ser um local onde ativistas feministas continuem fazendo o trabalho de criar currículos sem preconceitos (HOOKS, 2020, p. 46).

É de grande importância que a conscientização social seja forjada desde cedo, para que haja uma sociedade sem preconceitos, mais justa e acolhedora. E seguindo este pensamento, no próximo tópico serão debatidas as questões progressistas.

3.5 A Margarida progressista

Uma pessoa que se identifica com as ideias progressistas é aquela que preza por valores como igualdade e liberdade, rompendo com padrões sociais tradicionais. Segundo Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998, p. 1009), em seu dicionário de política, “ideia de que o curso das coisas, especialmente da civilização, conta desde o início com um gradual crescimento do bem-estar ou da felicidade, com uma melhora do indivíduo e da humanidade.”

Nos fragmentos das HQs expostas neste tópico há dois exemplos de posições progressistas presentes na materialidade discursiva da Margarida. Em “O vale das sereias”, figura 17, ela só aceita a expedição se isso não interferir na vida das sereias (minorias). Ou seja, analisar sem ser invasiva, respeitando o espaço e o bem-estar do outro.



Figura 17 — Margarida 36 – Novembro de 1987.

Fonte: Walt Disney

No segundo exemplo, figura 18, ela apresenta um discurso desconstruído no que se refere aos homens usarem saias, que no imaginário comum seria uma peça de roupa feminina. Para ela, a roupa não faz o pato. Ou seja, a roupa não define a masculinidade ou a feminilidade do indivíduo.



Figura 18 — Margarida 19 – Abril de 1987.

Fonte: Walt Disney

As ideias progressistas vão ao encontro da construção e da manutenção de um mundo mais justo em que todos os povos sejam respeitados, a natureza preservada e que pensamentos retrógrados no que se refere a gêneros sejam desmitificados.

3.6 A Margarida vaidosa

Em “A pata chique”, figura 19, ao ser convidada para um evento, Margarida decide ousar no visual vestindo-se com *smoking*. Durante a festa, embora esteja bonita e elegante, passa por situações

constrangedoras em consequência da roupa utilizada, ao ser comparada com um homem por um funcionário da festa e por uma convidada.



Figura 19 — Margarida 45 – Abril de 1988.
Fonte: Walt Disney

Na HQ apresentada na figura 20 “A bandida fatal”, depois de prender uma criminoso, que é muito bonita, a Superpata (identidade secreta da Margarida) volta ao esconderijo da detida para descobrir o nome do creme de beleza que ela usa e aproveitar a dica.



Figura 20 — Margarida 82 – Agosto de 1989.
Fonte: Walt Disney

Em “A bucaneira”, figura 21, mesmo convicta de seus ideais emancipatórios, Margarida não deixa de cuidar do visual e não abre mão das maquiagens. Assim rebate-se o preconceito que se formou de que a mulher feminista não é vaidosa, mostrando que estas duas FDs podem coexistir em um mesmo sujeito, já que suas fronteiras são flexíveis e heterogêneas. Segundo Pêcheux

Uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vem de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (PÊCHEUX, 2014 [1983], p. 310).



Figura 21 — Margarida 41 – Fevereiro de 1988.
Fonte: Walt Disney

A partir da análise dos quadrinhos apreciados, percebe-se claramente a intenção dos autores brasileiros em afirmar as práticas feministas no novo cenário histórico, político e cultural do país. Embora há quem diga que a Disney americana não se agradou muito de algumas das mudanças no perfil da nova Margarida, brasileira e oitentista, aqui esse novo perfil foi bastante aceito e acompanhou o crescimento de uma geração.

4 Conclusão

As FDs da personagem, conforme já apresentadas, concretizam o pensamento da mulher moderna e os anseios femininos que estavam em pauta no Brasil dos anos oitenta, resultando em uma personagem moderna, bem resolvida, bonita, talentosa e ideologicamente empoderada. A personagem e sua revistinha fizeram parte de uma revolução cultural e histórica importantíssimas para o Brasil, no momento em que se deu a abertura política do país e diversos temas como a liberdade e a igualdade tiveram espaço irrestrito no debate público.

O tema do feminismo ainda é muito importante e necessita de bastante discussão, reflexão e esclarecimento na contemporaneidade, já que nesta segunda década do século XXI, alguns setores da sociedade entraram em retrocesso. Urge que os atrasos sejam contornados e que os debates fortifiquem o espaço da mulher e o pensamento progressista.

Com certeza a personagem Margarida foi uma inspiração para diversas meninas e mulheres que consumiam a suas histórias com prazer e também com reflexão. Na atualidade, seria importante se essas temáticas fossem amplamente abordadas em HQs ou livros infantis, estando cada vez mais

presentes a fim de desmistificar preconceitos e pensamentos rasos sobre o feminismo e outras pautas sociais contemporâneas.

A importância que a cultura de massa tem na formação social do cidadão é muito abrangente e, no caso dos quadrinhos, o carisma dos personagens e a boa recepção do público podem ser de grande importância na construção de um espaço mais justo, menos preconceituoso e mais igualitário para os que fazem parte dele.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos todas feministas**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BAETA, Agda D. Disney Pós-Moderna: o papel das histórias em quadrinhos da personagem Margarida na mediação dos valores pós-modernos. **Novos olhares**, 14 2º semestre de 2004.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 11. ed. São Paulo: Editora UnB, 1998. p. 1009.
- DISNEY, Walt. **Margarida – 01 ao 200** – São Paulo, SP: Editora Abril, 1986 a 1993.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- IANNONE, Leila Rentroia. **O mundo das Histórias em Quadrinhos**/ Leila rentroia Iannone, Roberto Antonio Iannone; Ilustrações de Márcio Perassolo I.—São Paulo:Moderna, 1994.
- MELO, José Marques de. **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Criativo, 2013.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 13ª ed. Campinas SP: Pontes Editores, 2020.
- PÊCHEUX, Michel. A análise do discurso: três épocas (1983). *In*: GADET, Françoise. & HAK, Tony.(org.);tradução Bethania S. Mariani...[et al.] – 5ª ed. - **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. [1988]. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. 5.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.
- RAMA, Angela *et al.* **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SARTI, Cynthia A. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória**. Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto/2004.